

NESSA ÉPOCA, A AMÉRICA ERA O EL DORADO

Aníbal Troia trocou em 1920 o 'trabalho nas fragatas' de Lisboa pelas caminhadas para a fábrica Cooper Works, de Carteret



Já nos Estados Unidos, nos anos 30, Maria Tavares e marido Aníbal Tavares e os filhos (esq/dir): Manuel, Ana e Rosa (hoje Rosa Pinho)



HISTÓRIAS DE IMIGRAÇÃO

"A razão porque decidi trabalhar em Lisboa nas fragatas, não sei, mas talvez fosse por haver probabilidade de emprego nos navios que passavam por Lisboa..." - suspeita a filha Rosa Pinho

Sandy Hook.

Para a filha, o emprego de Aníbal Troia nas fragatas de Lisboa metia vista para além da linha do horizonte português.

"A razão porque decidi trabalhar em Lisboa nas fragatas, não sei, mas talvez fosse por haver probabilidade de emprego nos navios que passavam por Lisboa..." - suspeita a filha, explicando:

"Naqueles tempos (anos de 1920) a emigração era livre e assim, desde que houvesse dinheiro para comprar passagem, os Portugueses que podiam metiam-se nos barcos que tocavam portos americanos. Para mais, o meu pai tinha um irmão 2 anos mais velho que já se encontrava nos E.U., na cidade de Elizabeth, N.J."

Graselli Works, em Linden, mas quando as solas dos sapatos estavam rotas... tinha que se usar papelão em vez de solas, porque o dinheiro que se ganhava era para mandar para a terra" - disse Rosa Pinho, salientando que o seu pai também guardava algum dinheiro para alimentar uma das paixões da sua vida, o futebol.

"O meu pai enviava algum dinheiro para Ovar, mas muito ia para ajudar a manter o grupo de futebol do actual Portuguese Instructive cont. pag. seg.



Aníbal Tavares (ou Aníbal Troia) nos anos 1920

Fernando Santos LUSO-AMERICANO

"Nessa época, a América era o El Dorado desejado por todo o mundo" - foi como Rosa Pinho explicou a decisão de atravessar o Atlântico tomada em 1920 pelo seu pai Anibal Lopes Tavares, também conhecido por Aníbal Troia.

Tinha então 18 anos, e "trabalhava nas fragatas", em Lisboa, uma ocupação que Rosa Pinho define como um emprego de diversas tarefas à volta dos cais do porto de Lisboa.

"O trabalho nas fragatas consistia na carga e descarga de barcos ancorados no Tejo e transporte de mercadorias para as docas de Lisboa bem assim como para diversos pontos nas margens do Tejo" - disse Rosa Pinho.

Afinal, Aníbal Troia tinha já começado a ser emigrante na sua terra com apenas 2 anos de idade, mas à medida que foi crescendo - desconfia a filha - quis estar perto dos barcos das grandes viagens porque o sonho era mesmo a América, onde já se encontrava um irmão dois anos mais velho.

"O meu pai nasceu na freguesia de Santa Maria da Murtosa, então no concelho



Rosa (Tavares) Pinho, com o marido Manny Pinho, hoje residentes em Highlands

de Estarreja, onde foi baptizado. Com a idade de 2 anos foi com seus pais e restante família viver em Ovar onde foi criado. Quando ainda rapaz novo, trabalhou na companhia de pesca, de Arte Xavega, na praia do Furadouro, onde seu pai era arrais" - lembrou Rosa Pinho, muito ligada a Elizabeth, mas hoje a residir com o marido Manny Pinho em Highlands, nas imediações de

E logo que pôde, em 1920, Anibal Lopes Tavares, também conhecido por Aníbal Troia, chegou a Elizabeth, NJ, à procura do seu primeiro emprego em terras da América.

"Meu pai esteve nos E.U. durante a depressão. Para trabalhar, caminhava junto aos trilhos do caminho de ferro até à "Cooper Works" e U.S. Metals Refining, de Carteret, ou até à Dupont e

PINOCHLE A CHARUTOS NO PISC

Nunca usou camisa que não tivesse bolsos para poder trazer os charutos para casa...



Aníbal Tavavres, o quarto a contar da esquerda, com os amigos do Pinochle e dos charutos

cont. pag. ant.

and Social Club, pois, para ele, o clube que tivesse futebol era o que singrava” - pensa a sua filha Rosa adiantando que o pai jogou futebol em Elizabeth e quando ia a Portugal jogava no grupo que ajudou a fundar, o Clube de Futebol O Estrela, em Ovar.

“Este grupo - lembra Rosa Pinho - era o grande rival da Ovarense bem assim como do Galitos de Aveiro (naquele tempo, o Galitos praticava futebol). Futebol era o seu desporto favorito e jogou até quase aos 50 anos de idade”.

“Em 1922, em parceria com mais 12 amigos, ajudou a fundar o Clube Social Português, hoje Portuguese-Instructive Social Club (PISC), e o grupo de futebol, modalidade que praticou até 1950 e muitas outras actividades. Os seus colegas futebolistas, quando ganhavam algum jogo mais difícil, celebravam a vitória juntando-se todos na sede do clube e fumando um bom charuto...” - referiu a filha.

Aníbal Lopes Tavares, ou Aníbal Troia para os amigos, contava como casa os quartos que também recebiam outros emigrantes e ser cozinheiro era uma qualidade muito apreciada pelos companheiros que tinham menos jeito para essa arte.

Repetindo conversas do seu pai sobre os tempos difíceis da imigração dessa época, Rosa Pinho lembra um episódio:

“Viviam vários homens juntos e a todos tocava a sua vez de fazer a comida. Ora, um belo dia, o meu pai resol-

veu fazer arroz doce. No entanto como para fazer arroz usavam cebola ele também usou cebola para a guloseima que queria preparar. Não sei que gosto teria o arroz doce, mas a única coisa que o viram fazer foi aquecer leite, coisa que ele já bebia mas só pelas manhãs. Também era dos que fazia vinho com um ou outro amigo, mas nunca o bebeu”.

Até ao ano de 1933, fez várias viagens a Portugal sem passaporte. O único documento que tinha era uma licença de reentrada e nada mais e foi durante essas viagens que acabou por tomar a decisão de constituir família e ver os filhos crescer nos Estados Unidos da América.

“Numa das suas viagens a Portugal, em 1927, contraiu matrimónio e então resolveu legalizar a sua situação, obtendo o primeiro passaporte em 1933” - lembrou Rosa Pinho, reconstituindo a história familiar de que foi adiantando mais pormenores:

“Naquela altura não havia muitos namoros. Em muitos casos os casamentos eram um acordo entre pais e a primeira filha a casar seria sempre a mais velha, embora o noivo gostasse de outra mais nova. Em 1935 fez a carta de chamada para a minha mãe, meu irmão Manuel, com dois anos e meio de idade, e para mim, com um ano e meio. Havia dois anos que o nosso pai não nos via e a mim nunca me tinha visto pois tinha já regressado aos Estados Unidos quando eu nasci. Quando minha mãe, eu e meu irmão emigramos para a companhia de meu pai, em 1935, vivemos na mesma casa onde meu tio Alfredo vivia com a sua esposa e duas filhas”.

“Já na posse do seu primeiro passaporte - lembra a filha -, viajou de Portugal para os Estados Unidos em 1933, tendo dado entrada em Nova Iorque no dia 3 de Maio desse ano. A primeira viagem, depois dessa data, já com a família, foi em 1952 e outra em 1957. Quando o Rev. Pe. José

Capote começou a fazer viagens de excursão a Portugal organizadas pela Igreja de N.S. de Fátima de Newark, os meus pais foram todos os anos a Portugal até que se reformaram e foram de vez para Ovar, onde tinham a sua casinha.”

Com a chegada da esposa em 1935, havia mais uma pessoa a contribuir para o orçamento familiar, apesar de ha-

ver em casa dois filhos ainda crianças.

“A minha mãe foi logo trabalhar e ganhava quatro dólares por semana, mas tinha de pagar 2 dólares a uma senhora para tomar conta de mim e do meu irmão” - recorda Rosa Pinho, salientando que, ao longo da sua vida, o pai sempre esteve ligado à vida associativa de Elizabeth e a um inseparável companheiro, o charuto:

“O meu pai ia todas as noites, depois de jantar, e ao domingo de manhã, ao clube de Elizabeth para jogar Pinochle, o seu passatempo favorito e os ganhos eram pagos em charutos. Nunca usou camisa que não tivesse bolsos para poder trazer os charutos para casa. A sede do Clube era na First St. Mudou depois para 131 da Pine St. e posteriormente para 135 da Third St. onde permaneceu até 1968. Eu, a minha irmã e o meu irmão fomos membros do P.I.S.C. Youth Group dos 13 até aos 18 anos sendo depois membros do clube. Além do Youth Group, as actividades

incluíam: Basketball, Bowling, Escola Portuguesa, Grupo Cénico, Ping pong, Youth dances, Summer Picnics e Grupo das Damas Auxiliares. O meu pai fez parte de várias direcções do Clube. Foi também membro da comissão que organizava Festas para a ‘Sopa os Pobres no Furadouro’. Esta comissão foi a precursora da Associação Filantrópica Ovarense que ainda hoje existe.”

Curiosamente, Aníbal Troia faleceu em Ovar no dia 3 de Maio de 1970, precisamente 37 anos depois de ter entrado nos Estados Unidos já munido do seu primeiro passaporte.

Em Ovar ou no Furadouro - onde também tinha casa -, Aníbal Troia já estava afastado da sua paixão de executante de futebol e de sócio activo das associações de Elizabeth. Mas houve um gosto e um hábito que manteve religiosamente.

“O meu pai, continuou a gostar do futebol e, sobretudo, a fumar o seu charuto”... - garantiu Rosa Pinho.